

ESPECIAL  
**ARTESANATO**



JOÃO PESSOA, DOMINGO,  
28 DE JUNHO DE 2009

**A UNIÃO** "Paraíba democrática, terra amada"

## Mãos no Barro

X Salão de Artesanato  
Paraibano atrai milhares de  
pessoas e mostra todo o  
talento do artista popular



**SHOW DE  
CRIATIVIDADE**



Milhares de pessoas visitaram o X Salão de Artesanato Paraibano, em Campina Grande

EDITORIAL

## Valorizar é fundamental

O Governo do Estado cumpre a nobre missão de valorizar os homens e as mulheres que, de norte a sul e de leste a oeste da Paraíba, enfrentam às vezes adversidades quase insuperáveis para, utilizando-se de matéria prima in natura ou industrializada, criar objetos decorativos e utilitários de rara beleza.

As cerca de cinco mil peças produzidas por artesãos de 96 municípios, reunidas no X Salão de Artesanato Paraibano, inaugurado, no dia 5 de junho, no Campina Auto Shopping, em Campina Grande, com encerramento neste domingo (28), compõem um verdadeiro espetáculo de cores e formas, numa demonstração inequívoca da criatividade do povo de nossa terra.

As milhares de pessoas que visitaram o Salão, tanto nativas como turistas de outras regiões do país e do exterior, também atestam a importância do evento, que, este ano, ostenta o sugestivo título de "Mãos no Barro". Gerar emprego, renda e beleza. Eis o trinômio que dá suporte ao empreendimento do Governo do Estado, no campo do artesanato.

Como se verá nas próximas páginas, os arte-

sãos reunidos na décima edição do Salão deram um show de criatividade. Uma festa de cores e formas é a imagem que mais se aproxima do deslumbre proporcionado pelas peças confeccionadas no barro, na madeira, no metal, no tecido, na fibra vegetal e no couro, entre outras matérias primas.

O artesão nada mais quer do que ter a oportunidade de criar e mostrar o seu trabalho, sendo devidamente reconhecido por isso. Neste sentido, o Salão cumpriu sua meta de valorizar, incentivar e divulgar a produção. O artesanato paraibano faz jus à fama que adquiriu devido à sua riqueza e diversidade. O Governo, portanto, sente-se orgulhoso de poder contribuir para o desenvolvimento do setor.

O Programa de Artesanato Paraibano se destina a ampliar e aperfeiçoar o apoio do Governo do Estado a este segmento importante para a atividade turística e o aumento dos índices de emprego e renda no setor. O jornal A UNIÃO integra-se a essa união de esforços ao levar à sociedade paraibana informações fundamentais sobre o Salão, tema deste caderno especial.



### A UNIÃO

SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA  
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no  
governo de Álvaro Machado

BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa -  
Paraíba . PABX: (0xx83) 3218-6500 - FAX: 3218-6510 - Redação:  
3218-6511/3218-6512

[www.paraiba.pb.gov.br](http://www.paraiba.pb.gov.br)

Superintendente  
NELSON COELHO DA SILVA

Diretor de Operações  
MILTON FERREIRA DA NÓBREGA

Diretor Técnico  
WELLINGTON H. VASCONCELOS DE AGUIAR

Diretor Administrativo  
CRISTIANO XAVIER DE LIRA MACHADO

Editor Geral  
JOÃO EVANGELISTA

Editor de Cadernos Especiais  
WILLIAM COSTA

Fotografia  
ORTILO ANTÔNIO E BRANCO LUCENA

Editoração Eletrônica  
DAMASCENO JÚNIOR e SEBASTIAN FERNANDES

CONSELHO EDITORIAL

Lena Guimarães, Genésio de Sousa, Nelson Coelho, Wellington Aguiar, Cristiano Machado, Milton Nóbrega, João Evangelista, Linaldo Guedes, João Pinto (API), Land Seixas (Sind. Jornalistas), Juarez Farias (APL), Luiz Hugo Guimarães (IHGP), Rômulo Polari (UFPB) e Thompsom Mariz (UFCG)



"Mãos no Barro"

## Vitrine de coisas belas

■ Acervo reunido na décima edição do Salão de Artesanato Paraibano, em Campina Grande, mostra a riqueza e a diversidade da produção local

Nathielle Ferreira  
REPÓRTER

É apenas um fio cirúrgico, mas em minutos se transforma numa sofisticada pulseira feminina. Nas mãos habilidosas do artesão Henrique Colonnelli, o metal duro é decorado com pedras coloridas e brilhosas e vira matéria prima para delicadas bijuterias. O trabalho, digno de ser chamado de obra de arte, encanta os olhos de quem vê e orgulha quem produz. "Não uso solda, nem cola. Amarro ponta a ponta só com o alicate. Demoro mais de oito horas, mas consigo esse acabamento perfeito", conta.

Artesão há 36 anos, Henrique dedicou a vida à produção de bijuteria. Ele mora em Jacumã, a 15 quilômetros de João Pessoa, e viajou mais de duas horas só para mostrar seu trabalho. É um dos 4.300 expositores que participam do 10º Salão de Artesanato de Campina Grande.

Promovido pelo Governo do Estado, em parceria com o Sebrae e com dois bancos, o evento já se consagrou como a maior vitrine de talento paraibano nesse segmento. Fazendo jus ao nome, o salão tem quase três mil metros quadrados decorados de arte e cultura. A exposição começou no dia 5. Em pouco mais de duas semanas, registrou mais de 50 mil visitantes e R\$ 360 mil em vendas. O evento terminará neste domingo (28).

Os artesãos vieram de 123 partes da Paraíba. A diversidade é tanta que visitar o local é como dar um giro rápido por alguns municípios do Estado. Expondo produtos que são um espetáculo de beleza e criatividade, os vendedores não escondem a modéstia e apresentam o que há de melhor na cultura e nas peculiaridades de cada região.

A organização agradou os visitantes. A consultora Maria de Fátima Silva veio com as amigas de João Pessoa conferir as novidades do Salão e ficou encantada com o que encontrou: "Está tudo muito lindo, muito fantástico. A estrutura é excelente, os produtos estão bem organizados e o mais importante é que isso é uma forma de valorizar nossa cultura", observou.

Com o tema: "Mãos no Barro", evento resolveu homenagear, neste ano, as louceiras de Cajazeiras. Elas são artesãs que trabalham com cerâmica bordada e fizeram da tradição um meio de vida no município. Logo na entrada do salão, há um ambiente todo ornamentado com peças produzidas pelas cajazeirenses. São utensílios domésticos, arti-



Barro, pano, couro, madeira... de quase tudo se apropria o artesão para dar vazão à criatividade

gos de decoração e tudo mais que a imaginação realizou. O mais interessante é que ao lado de cada escultura existe a marca da mão de quem produziu o trabalho, numa demonstração de respeito e reverência por um talento que faz do barro uma obra de arte.

Francisca José da Silva é uma dessas homenageadas. Presidente da Associação de Loiceiras do bairro de São José de Cajazeiras, ela conta que a arte passa de geração para geração: "Aprendi com minha mãe que aprendeu com minha avó. Agora, ensino a meus filhos", frisa.

Como o talento é algo transferido pelo sangue, a filha mais nova de dona Francisca, de apenas oito anos, já começou a produzir pequenas peças em cerâmica e até fatura alguns trocados com o trabalho. Entre as louças da mãe, veio uma pequena boneca produzida pela criança. O objeto já foi vendido e dona Francisca, em tom de brincadeira, afirma que terá que prestar contas com a garota, quando voltar para casa. "Eu vendi a bonequinha. Quando avisei, minha filha disse: mamãe, compra um chocolate com o meu dinheiro, tá? Achei graça por ela disse com bastante clareza: 'meu dinheiro'", conta Francisca, entre risos.

Ainda com um sorriso no rosto, a ar-

tesã lembra que o costume de fazer arte em argila sempre foi algo comum em Cajazeiras. Mas as dificuldades andavam de mãos dadas com a profissão. Carentes, os artesãos não tinham, sequer, condições de comprar fornos apropriados para cozer a cerâmica. E sempre tinham prejuízos. "Fazíamos o fogo na rua, às vezes, chovia e a gente perdia tudo. Era muito sofrimento", lamenta.

O drama só acabou quando surgiu a parceria com o Governo do Estado e com o Sebrae. Consultores e assessores foram até Cajazeiras e deram orientações aos trabalhadores. Hoje, a realidade é outra: "Temos uma sede, onde há um forno para queimar a cerâmica. O governo e o Sebrae também nos ajudam a vender e vêm criando eventos para divulgar nosso trabalho. Essa ajuda é fundamental e beneficia mais 20 famílias", observa Francisca.

Com o dinheiro que ganha vendendo as peças, a artesã mantém a família: "Pago água, luz, faço feira, tudo é com o que faturei com minhas peças. Assim como eu, muitas outras mulheres vivem do mesmo jeito, do artesanato. Essa ajuda que recebemos do governo melhorou muito nossa vida, porque dá oportunidade de mostrar nossa arte", comemora.



**"Não uso solda, nem cola. Amarro ponta a ponta só com o alicate. Demoro mais de oito horas, mas consigo esse acabamento perfeito."**

Henrique Colonnelli  
ARTESÃO

## Flores dão um brilho adicional ao Salão de Artesanato

Num cantinho mais reservado do salão, flores e rosas de formatos diferentes e cores vibrantes chamavam a atenção de quem passava. Bastava uma conversa rápida com a vendedora para perceber que a beleza das plantas não fazia bem apenas aos olhos. Era responsável também pela mudança na vida de duas comunidades carentes de um município paraibano.

As flores são de Areia, localizado a 126 quilômetros de João Pessoa, e foram produzidas pela Associação de Desenvolvimento Sustentável de Macaco e de Furnas. A entidade recebeu o nome de duas áreas humildes da cidade e reúne mais de 40 associados. O colorido das plantas mudou a realidade triste do local. Quem conta essa história é Elisângela de Lima Alves, uma das sócias. Ela explica que trabalha no ramo há dois anos, quando decidiu largar o emprego de vendedora numa seguradora de plano de saúde para se dedicar ao cultivo das rosas.

Segundo Elisângela, a associação foi criada e passou a oferecer cursos e ensinar as técnicas de cuidado com as plantas. Não demorou muito e o trabalho chamou a atenção de donas de casas, desempregados e agricultores que viram na atividade uma forma de aumentar a renda doméstica. O conhecimento foi se espalhando e, hoje, o trabalho beneficia 43 famílias de forma direta.

Colocadas dentro de vaso, as flores podem ser cultivadas em qualquer ambiente. São ideais para ornamentar casas, apartamentos e escritórios. Mas a beleza depende dos cuidados de mãos simples, porém cercadas de muito carinho. "O processo de produção é manual e requer carinho e paciência. Somos nós que plantamos, colhemos e vendemos. As flores são colocadas dentro de vasos para facilitar a comercialização. Tudo isso exige amor para que o resultado agrade o cliente", destaca.

As flores geraram emprego e renda nas comunidades de Macaco e de Furnas. E uma das beneficiadas foi a própria Elisângela. Embora não revele o valor, a moça diz que, hoje, fatura mais do que quando trabalhava na seguradora de plano de saúde. Além do incentivo financeiro, ela afirma que outro motivo para trocar de trabalho estava bem na porta de casa. "Areia sempre teve clima e solo fértil para a produção de flores. E nós resolvemos nos organizar para aproveitar bem isso", conta.



Elisângela Lima largou o emprego na seguradora para cultivar flores



**"A Cooperativa nasceu em 2001 e vem conquistando resultado, graças ao apoio do Governo, do Sebrae e da Universidade Federal de Campina Grande."**

Edneide Bezerra  
ARTESÃ

## Campina reina na tecelagem

Em outro ponto do salão, um stand mostrava a beleza e conforto de bolsas femininas feitas de algodão colorido. As peças com designer moderno e apropriado para a correria do dia-dia foram feitas pelas mãos de mulheres simples de Campina Grande. Edneide Ferreira de Souza é presidente de uma cooperativa de artesãs. Ela conta que são 35 trabalhadoras que transformam o tecido em bolsas, bonecas e até em artigos de decoração.

Com um certo brilho nos olhos, a moça acrescenta que as artesãs têm auto-estima elevada e orgulho da profissão. Mas nem sempre isso foi assim. "A cooperativa nasceu em 2001 e vem conquistando resultado, graças ao apoio do Governo, do Sebrae e da Universidade Federal de Campina Grande. Eles nos dão cursos de qualificação e nos ajudam a vender as peças. Isso melhorou a vida de muita gente. Antes, as artesãs eram donas de casa sem renda. Hoje, recebem um dinheiro que ajuda no orçamento doméstico e gera sensação de realização e orgulho pelo que fazem", afirma.

O algodão colorido também mudou a vida de uma família simples de Campina Grande. Quem explica melhor essa história é a matriarca da casa, Gláucia Gomes. Ela não trabalhava fora e cuidava dos afazeres do-



Com o algodão colorido - produto dos mais valorizados no país, atualmente - os artesãos fazem bolsas, bonecas, roupas e artigos de decoração. Em Campina Grande existe uma das mais importantes associações de artesãs que trabalham com o produto

mésticos quando o filho caçula chegou em casa chorando. O garoto queria brincar com o urso de pelúcia do vizinho, mas o amigo negou o brinquedo. Quando soube do ocorrido, Gláucia resolveu comprar um urso idêntico para dar ao filho, mas ao chegar mudou de ideia. "Resolvi eu mesma fazer o bicho de pelúcia", conta.

Usando pedaços de jornais, ela desenhava no papel a moldura dos cortes e passou a colocar o plano em ação. Quando terminou, ficou surpresa com o que viu: "Era um urso igual ao que vendia na loja. Gostei tanto da ideia que comecei fazer outros animais para

vender", acrescenta.

O que começou como uma forma de resolver briga de crianças acabou virando empresa com marca registrada e tudo. Gláucia comprou maquinário, registrou a firma e, hoje, trabalha ao lado da família na confecção dos bichinhos de pelúcia. Produz girafas, ursos, elefantes, coelhos, qualquer representante da fauna que for solicitado. Cria até bonecas de tamanhos e modelos variados. Basta só encomendar. Os brinquedos têm traços e detalhes bem diferentes. Em comum só possuem mesmo a matéria prima: algodão colorido. "Coloquei o nome de minha empresa como 'Algodão da Terra', numa forma de homenagear nossa cultura", afirma.

Com a ajuda dos filhos, a empresária mantém o ritmo acelerado da confecção e recebeu encomendas com grandes quantidades dos bichinhos de pelúcia. A fábrica fica em Campina Grande, mas os brinquedos já são conhecidos em lugares como Sergipe, Belo Horizonte, Mato Grosso, João Pessoa e Rio Grande do Norte. Com o faturamento das vendas, Gláucia garante não apenas uma renda extra no final do mês, mas o futuro dos dois filhos. "Eles trabalham comigo dia-dia. São meus pés e minhas mãos e já sabem como funciona tudo isso aqui.", afirma.



**"Coloquei o nome de minha empresa como Algodão da Terra, numa forma de homenagear a nossa cultura."**

Gláucia Gomes  
ARTESÃ



X SALÃO DE ARTESANATO

# Festa de cores e formas

■ Com o tema "Mãos no Barro", o evento reuniu quase 5 mil peças produzidas por artesãos de 96 municípios do Estado, ligados ao Programa de Artesanato Paraibano

Patrícia Braz  
REPÓRTER

**M**ãos no barro'. Esse foi o tema da décima edição do Salão de Artesanato Paraibano que este ano homenageia a tipologia barro, e cuja inspiração vem do trabalho prestimoso desenvolvido pelo grupo *Loiça*, que já atravessa quatro gerações transformando e moldando a matéria-prima encontrada fartamente na cidade sertaneja de Cajazeiras em verdadeiras obras de arte. Mas não é apenas a beleza extraída desse material de aparente rudez, que pode ser vista disposta entre as galerias projetadas no Campina Auto Clube - um espaço de cerca de 2,5 mil metros quadrados -, localizado bem na entrada da cidade de Campina Grande. Paraibanos e os milhares de turistas que passaram pela cidade nos últimos dias, durante os festejos de 'O Maior São João do Mundo', puderam ver - e ainda podem, já que o evento segue aberto a visitação pública até as 22 horas deste domingo (28) - diversos ou-

tros exemplos do talento dos artesãos paraibanos que exploram outras tantas tipologias, com igual maestria.

O barro que faz a louça e a cerâmica bordada, graças a uma parceria com um grupo de bordadeiras também da região do Sertão, foi o personagem principal de um espetáculo adornado pela renda renascença, pelo crochê, batik, fuxico, macramê, labirinto, tecelagem, vagonite, tricô, e mais a madeira, pedra, osso, flande, aço, ferro, couro e fibras, algodão colorido, passando pela xilogravura e até o cordel. Um caleidoscópio de alternativas criativas que não possibilita sombra de dúvida sobre a qualidade como vem sendo tratado o artesanato feito pelas mãos ávidas dos artesãos paraibanos.

Somente nesta versão há peças produzidas por 4.299 artesãos vindos de 96 municípios do Estado. Todos fazem parte do Programa de Artesanato Paraibano desenvolvido pelo Governo do Estado. Eles são oriundos de cooperativas, associações, grupos de produção, núcleos, mas também surgem da iniciativa individual, inspirados pelo programa que dá apoio e orientação necessários para que possa se fazer aflorar a cultura muita das vezes intrínseca as raízes e resguardadas, até então, por esses milhares de artesãos e que, na ausência de tal respaldo, deixam-se perder no competitivo mercado cada vez mais exigente de beleza associada a qualidade e a conceitos modernos de usabilidade e designer.



O barro é uma das matérias primas essenciais do artesanato. Com ele são produzidas peças de grande beleza

## Evento não só gera renda, como muita informação sobre a produção artesanal

Não na Paraíba. No Estado de homens bravos e mulheres igualmente corajosas, sim senhor!, há muito talento tanto por parte daqueles que fazem, como por parte daqueles que têm olhos e sensibilidade para perceber os que clamam por comunicar-se através da arte, mas que precisam de um 'empurrãozinho'. Eis o que se pode ver nas passarelas do X Salão de Artesanato da Paraíba: uma consonância entre o talento muitas vezes passado de pai e ou mãe para filhos – aqui referindo-se a manifestação de cunho artístico baseado na expressividade cultural através das mais diversas tipologias – a presença daqueles que têm o dom de percebê-los, mas não somente, e sim, de estarem dispostos a dar aquele empurrão capaz de possibilitar aflorar as infinitas formas artísticas que se apresentam nesse que é um espetáculo de cores, texturas, formas, tamanhos e simbologias.

De acordo com Marielza Araújo, gestora do Programa de Artesanato Paraibano, a preocupação dos técnicos que o integram se passa tão somente ao esclarecimento do quão rico é o trabalho do artesão, mas também perpassa pela necessidade de fazê-los entender o belo associado ao conceito da usabilidade. "Queremos que os artesãos paraibanos expressem o belo, mas também compreendam o quanto é importante encantar desde o mais simples potencial consumidor até os mais ávidos e experientes profissionais que atuam nos campos da arquitetura, decoração, designer, entre outros, e cujo objeto de seus estudos perpassa por conceitos como sustentabilidade, noções de conservação ambiental e usabilidade", destacou Marielza com desenvoltura de quem já acompanha o programa há bastante tempo.

Tomado desse propósito, o X Salão de Artesanato Paraibano não deixa a desejar. São centenas de peças que se emprestam a embelezar qualquer editorial de moda ou arquitetura ou mesmo ambientação do país. Tanto assim que muitas das peças que podem ser vislumbradas até logo mais à noite foram confeccionadas por alguns dos artesãos que ajudaram a Paraíba a conquistar o segundo lugar na 2ª edição do Prêmio Sebrae Top 100 de Artesanato no qual foram selecionadas as 100 unidades produtivas de artesanato mais competitivas do país. Este ano, 24 estados da federação

tiveram pelo menos um núcleo contemplado e a Paraíba conseguiu o segundo lugar com oito unidades premiadas.

Ancorado conceitualmente pela arquiteta Sandra Moura, a tipologia barro se faz presente em exuberantes esculturas de barro dispostas no hall de recepção. Um convite a todos os que chegam ao Campina Auto Clube. No alto dos corredores espécies modernas de balões multicoloridos iluminam a passagem dos que encantados olham para as galerias decoradas pelos já experientes artistas Babá Santana, José Sereco e Haendel Melo, integrantes da equipe do Programa de Artesanato Paraibano.

Até a última quinta-feira (25) já tinham visitado o local 57 mil pessoas, com uma comercialização superior a R\$ 400 mil em vendas diretas, afora os negócios fechados para a entrega posterior do material. O investimento, segundo Marielza Araújo, foi de R\$ 300 mil reais. "O mais importante, no entanto, não é ressaltar o quanto foi investido para montar mais esta versão do Salão de Artesanato, mas sim o quanto um evento desse porte pode gerar de informação para os artesãos que costuma fazer nesses eventos contatos que, muitos, representam vendas ao longo de um ou mais anos", ressaltou a gestora do programa.

Ela lembrou que foi graças ao empenho da equipe que integra o Programa Paraibano de Artesanato que o X Salão de Artesanato da Paraíba pode ser realizado e que todo esse trabalho tinha o dever de se fazer cumprir, por sua vez, graças a uma determinação do Governo do Estado que compreende nessa atividade "uma forma de valorização do trabalho ao passo que identifica no mesmo a importância na geração de oportunidades de renda para as famílias envolvidas", afirmou o governador. "Apenas para ilustrar quantas pessoas são diretamente envolvidas nesta ação de valorização do homem e da cultura, basta dizer que imaginando que uma família, em média, é composta por cinco pessoas e que deste Salão participaram 4.299 artesãos, isso dá uma média de 25 mil pessoas envolvidas diretamente", ressaltou Marielza ao enfatizar a relação trabalho x geração de emprego e renda que o programa vem possibilitando ao artesão paraibano.

EDITORAÇÃO: JUNIOR DAMASCENO

Em cada canto do imenso Salão, peças produzidas com os mais diversos materiais atestam a criatividade do artesão paraibano

FOTOS: BRANCO LUCENA



Artesã exhibe orgulhosa peça de artesanato confeccionada com algodão colorido

### SERVIÇO

**Evento:** X Salão de Artesanato Paraibano  
**Local:** Campina Auto Club  
**Endereço:** Av. Severino Bezerra Cabral, 995, Campina Grande - PB  
**Funcionamento:** de 5 a 28 de junho de 2009  
**Horário:** das 15 às 22 horas diariamente





## Fé e arte marcam a produção do município de Lagoa Seca

Basta um estilete e um pedaço de madeira para as artesãs Salete Diniz e Lourdes Diniz darem asas à imaginação e vida a santos católicos. Escultoras de madeiras há mais de 30 anos, as duas também participavam do 10º Salão de Artesanato e contavam, entre risos, que aprenderam a arte com a mãe. "Sempre observava minha mãe quando ela esculpia. Aí, pegava a faquinha e o tronco escondido para fazer alguma escultura. Errei muito, mas acabei aprendendo", lembra Salete.

O trabalho é demorado e precisa de doses extras de paciência. Uma imagem de 50 centímetros pode levar até uma semana para ficar pronta. É na ponta da faca que a escultura ganha formas e recebe olhos, rosto, nariz, boca. A riqueza de detalhes é tão impressionante que os personagens esculpidos chegam a ter rugas e até expressões faciais.

Foi tirando lasquinha por lasquinha da madeira que as irmãs casaram e sustentaram a família. Lourdes teve sete filhos e sempre viveu do artesanato. "Meu marido trabalhava, mas sempre o ajudei com o dinheiro que ganhava com minhas esculturas. Desde criança já fazia meu trabalho e fui criada sabendo ganhar meu próprio dinheiro", conta a senhora que tem 56 anos de idade.

Católicas, as irmãs confessam que gostam muito de fazer santos. Elas já venderam trabalhos para estrangeiros e afirmam, com orgulho, que têm peças de Lagoa Seca em alguma estante nos Esta-

dos Unidos, de Portugal, Japão e até na casa do Papa, no Vaticano, em Roma. "Quando o Papa esteve aqui, no Brasil, um cliente nos encomendou uma imagem de um metro e meio de altura para presentear ao religioso. Nós fazemos. A escultura foi para o Rio de Janeiro para ser entregue à comitiva que veio com o Papa. Fiquei muito feliz em saber que Bento XVI pegou num trabalho feito por mim", disse Salete, entre risos.

A arte em madeira também garante renda em Campina Grande. Distante do stand das moradoras de Lagoa Seca estavam imagens de Maria Bonita e de Lampião esculpidas em madeira. Os personagens mais representativos do folclore do Nordeste foram reproduzidos num pedaço de tronco de árvore pelo artista plástico Fabiano Quaresma. Natural de Campina Grande, ele tem 29 anos e há seis trabalha com escultura. "Desde pequeno sempre gostei dessa profissão. Comecei a fazer escultura em casa de cajá. Fazia pequenas casas, golfinhos, até que ganhei gosto e resolvi atuar como profissional", diz.

Fabiano gosta de esculpir personagens ligados ao Nordeste. Além do cangaço, a seca, a religiosidade e a agricultura são temas presentes em seus trabalhos. Para o artista, isso é uma forma de propagar a cultura da Paraíba. "Quando vendo uma peça sei que estou contribuindo para manter vivos nossos costumes", afirma.



Na foto acima, Salete e Lourdes Diniz, escultoras que produzem santos de madeira há 30 anos. Ao lado, Fabiano Quaresma, que também produz em madeira figuras ligadas à cultura nordestina



Com apenas um estilete e um pedaço de madeira eles dão vida à santos, padres, cangaceiros e outras figuras populares.



Calcedônia, turmalina, calcita, safira, quartzo e granito são alguns dos minerais encontrados na Paraíba e utilizados na produção de artesanato. Cores e formas variadas são os atrativos

## Rochas ornamentais

Você já ouviu falar em calcedônia, turmalina, calcita, safira, quartzo e granito? Os nomes desconhecidos por muita gente são de alguns tipos de minerais encontrados na região do Seridó da Paraíba. Eles têm formatos e cores diferentes e são usados para os mais variados fins: "Na construção civil, nas indústrias farmacêutica e bélica, em produtos medicinais e na produção de jóias", afirma o artesão Vidal de Negreiros.

Diante de seu stand no Salão de Artesanato de Campina Grande, o especialista conta que, após a lapidação, alguns minerais se transformam até em jóias de alto valor. "A Paraíba tem uma turmalina que chega a ser mais cara que determinados tipos de diamante. Mas ela é rara", afirma.

Bastante conhecedor do assunto, o artesão resolveu transformar em bijuterias os minerais que existem em abundância no Seridó, região formada por mais de 30 municípios. Natural de Picuí, uma dessas cidades, ele aprendeu a produzir pulseiras, colares e anéis que levam a cor e o brilho da região de onde foram retirados.

As rochas ornamentais também são

uma boa fonte de matéria prima que inspira os artesãos paraibanos. Ao lado de Vidal de Negreiros, os produtos de outro artesão também prendem a atenção de quem passa. Usando pedaços de granito, Isaias Veríssimo de Cordeiro aproveita a sutileza da rocha ornamental para criar relógios de paredes e artigos de decoração. Fazendo um trabalho ecologicamente correto, o rapaz diz que a ideia surgiu há oito anos quando ele pensava numa forma de reaproveitar pedaços de granito e de mármore, jogados fora por uma empresa em que trabalhava.

"Esse material é usado em pias e em bancadas, mas provoca muitas sobras. Queria dar uma utilidade a elas. Então, comecei a cortá-las em forma de mapa da Paraíba. Coloquei um motor atrás e fiz um relógio. Além de proteger o meio ambiente, estou valorizando a cultura", observa.

A iniciativa foi tão bem recebida que Isaias conseguiu clientes em todas as partes do Nordeste. Saiu do emprego e passou a dedicar o tempo apenas à produção das peças com sobras de granito e de mármore. "Trabalho com material reaproveitado e compro sobras de meus colegas", destaca.



Isaias Veríssimo Cordeiro fabrica diversos objetos, como relógios de parede, utilizando minérios como matéria prima.



Alguns ambientes do X Salão de Artesanato Paraibano lembram sofisticadas instalações de arte contemporânea

## Turistas elogiam o Salão

Criatividade, receptividade, calor humano. Qualidades dos artesãos que não passaram despercebidas aos olhares atentos dos turistas que resolveram dar uma pasadinha no salão. Bastante impressionados com que viram, os paulistas Alcides Viana e Maria do Carmo não poupavam elogios ao evento. Eles vieram de Santos, interior de São Paulo, e decidiram passar uma semana de férias em Campina Grande. No salão de artesanato, a única preocupação que tinham era com escolha do presente que iriam levar para os parentes e amigos que ficaram para atrás. "Achei tudo de muito bom gosto. Sempre tive a vontade de conhecer o Nordeste e não me arrependi. Em São Paulo, não temos nenhuma festa junina e sinto muita falta disso", disse Alcides.

Outro casal que também passeava na exposição era Ademir Silva e Selma Santana. Eles moram na Bahia. E apesar de serem acostumados com a energia do Nordeste, ficaram impressionados com o calor humano de Campina. "Estamos aqui pela primeira vez e gostamos muito de tudo. Achei a cidade limpa e o povo muito hospitaleiro. Os trabalhos dos artesãos também são muito criativos e diferentes. Estão todos de parabéns", afirmou Ademir.

O casal pretendia levar para casa algumas lembranças de Campina e foi ao salão de artesanato comprar presentes para famílias e amigos. Porém, ao passar por



O casal Ademir Silva e Selma Santana, da Bahia, elogiou o Salão e os artesãos paraibanos



Os turistas entrevistados foram unânimes. Para eles, o X Salão de Artesanato Paraibano, instalado em Campina Grande, além de muito bonito e organizado, reúne um acervo que se caracteriza pela beleza e variedade das peças.

uma dos corredores do local se surpreendeu com um trabalho diferente: um artista plástico que esculpia em argila o busto de qualquer pessoa. Ademir e Selma não pensaram duas vezes e entraram na fila para também contratar o serviço.

Com uma pequena ferramenta na mão e um enorme talento na cabeça, o escultor Zaias Alves da Costa reproduz em argila os detalhes e características do rosto de qualquer pessoa. O trabalho demora apenas 20 minutos e o resultado fica para sempre. A professora carioca Edna Paiva era uma das clientes do artista. Parada diante dos olhos atentos de Zaias, a moça contou que "nunca tinha visto algo dessa natureza". "Vou levar esse busto para minha escola e mostrar a meus alunos como a cultura nordestina é rica. Isso é minha forma de valorizar o artista dessa terra que mantém viva essa cultura inconfundível e maravilhosa. Estou encantada com a riqueza e beleza desse lugar", declarou.

Zaias é um escultor de argila bastante conhecido por quem frequenta os eventos de artesanatos promovidos pelo Governo do Estado. Seus trabalhos já ganharam a simpatia de turistas e foram vendidos a visitantes que chegam a Paraíba vindos de todas as partes do Brasil.

A obra de Zaias chama a atenção pela fidelidade dos detalhes. Em 20 minutos, ele consegue transferir para a argila todos os detalhes do rosto e expressões faciais de uma pessoa. "As pessoas podem levar para casa na hora, mas sempre alerta que o busto precisa ser secado, o que leva 24 horas. Depois desse tempo, o trabalho dura para sempre", destaca.

O campinense Fernando Soares, 52 anos, sempre gostou de arte, mas nunca pensou que fosse ganhar dinheiro com ela. Certo dia, ele estava em casa meio à toa quando, de repente, teve uma ideia. Pegou pedaços do caule da bananeira, os partiu em tiras e criou um caleidoscópio. Para quem não conhece, o instrumento se assemelha muito a uma luneta, mas produz um efeito visual muito bonito quando é colocado diante dos olhos. Quando o trabalho acabou, nem o próprio Fernando acreditou no que viu: "Isso ocorreu há 14 anos. O caleidoscópio foi vendido e passei a produzir mais objetos com a bananeira", lembra.

A partir dali surgiram luminárias, fontes de água, barcos, relógios, tudo tendo como matéria prima o caule da bananeira. Os trabalhos, vistos como algo ecologicamente correto, facilmente ganharam a simpatia e um espaço na casa dos clientes. O sucesso foi tanto que Fernando deixou o emprego e passou a dedicar as horas livres apenas à confecção de novos artigos de decoração. "Sempre imagino o ambiente antes de criar alguma obra. Trato cada peça com carinho porque sei que ela será única. Embora faça várias luminárias, mas nenhuma delas terá as mesmas características e detalhes. O trabalho do artesão é sempre único", acrescenta.

Assim como Fernando, outros artesãos descobriram na beleza dos vegetais uma excelente aliada na confecção de produtos artesanais. Mas o trabalho exige talento e sensibilidade, pois quem conseguiria ver em simples folhas de bananeiras uma forma de transformá-las em sandálias femininas, por exemplo? A artesã Isabel Ferreira Muniz, 57 anos, conseguiu.

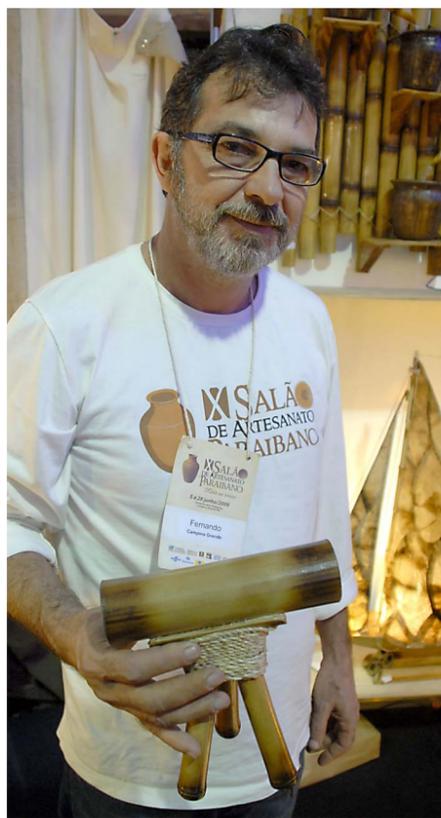
Trabalhando no ramo há 16 anos, ela participa da Associação Fibras da Terra, localizada em Sousa, e aprendeu a fazer não apenas as sandálias, mas porta-retratos, bonecas e até pequenas estantes com a folha da bananeira. Simpática, ela conta que os produtos são feitos por dez associados e que os objetos sempre conquistam os clientes por onde passam. "Graças a Deus, faz seis anos que participo de exposição e sempre é um sucesso. Estou bastante satisfeita. As vendas são tão boas que vivo apenas disso. Não tenho outra fonte de renda, só meu artesanato", conta.

Geoclary Cavalcanti é outro artesão que viu em vegetais a matéria prima para inovar a criação de artigos de decoração. Ele conta que estava com a esposa na casa de um amigo quando a mulher o mostrou uma luminária diferente, feita de sisal. Geoclary se aproximou do objeto, prestou atenção aos detalhes e memorizou tudo. Quando chegou em casa, arrumou uma porção de sisal e se pôs a criar uma luminária idêntica. O resultado foi melhor que ele esperava: "Consegui fazer um acabamento mais perfeito. Minha filha tratou logo de vender e comecei a fazer outras", ressalta.

Quando percebeu, o aposentado es-

# Natureza pródiga

■ Artesãos utilizam plantas nativas como a bananeira para produzir luminárias, caleidoscópios, sandálias etc.



Fernando Soares usa caules de bananeiras



Geoclary apresenta uma luminária de sisal

tava ocupando o tempo com a criação não apenas de luminárias, mas de relógios e outros artigos de decoração. Cada peça chega a custar R\$ 40 e as peças já foram vendidas até para Estados Unidos, Alemanha e Portugal. "Sinto muito orgulho do que faço. Aproveito as coisas que geralmente as pessoas jogam fora, como o casco do coco e o lacre das latas de cerveja. Uso isso para fazer arte e ajudar o meio ambiente e valorizar o trabalho", constata.



Isabel Ferreira Muniz também usa fibra de bananeira para criar castiçais e luminárias

## SAIBA MAIS ▼

### Pano de estopa vira boneca

Ele é rústico, grosseiro, usado principalmente para acomodar cereais durante o transporte para as feiras livres. Mas nas mãos sensíveis e criativas das artesãs da Associação de Tapeçaria de Gurjão, localizada na cidade de mesmo nome, o pano de estopa, aquele tão desprezado pelas pessoas, vira matéria prima para a criação de bonecas, anjinhos e até santos. Quem explica melhor isso é a artesã Andréia Alcântara, participante da associação.

Ela acrescenta que a associação é formada por 35 pessoas. E que o trabalho começou por iniciativa da prefeitura do local que ministrou cursos e ensinou a fazer artesanato da estopa. A capacitação também teve o apoio do Sebrae e o trabalho já dura sete anos.

O grupo uniu as riquezas de três cidades em torno de um objetivo: gerar emprego e renda para os moradores. A ideia foi juntar as pedras ornamentais da cidade de Pedra Lavrada e o couro de Cabaceiras com a tecelagem de Gurjão e criar um mesmo produto. Isso valoriza o objeto e movimentar a economia nos três municípios. "Uma mesma sandália tem o couro, as pedras e a tecelagem. O que antes custava R\$ 10 passa a valer R\$ 40. Isso é bom para todo mundo", analisa Andréia. Ao todo, os cerca de 160 trabalhadores são beneficiados diretamente pela união.

Alguns desses produtos estão em exposição no Salão de Artesanato de Campina Grande. "Dependemos muito de eventos como esse para mostrar e vender nossos acessórios", frisa Andréia.



# A construção da beleza

Homens, mulheres e a matéria bruta da natureza ou transfigurada pela ciência, unidos pela ancestral tradição. As mentes e os corações sensíveis comandam as mãos, que tocam o barro, a madeira, o pano, o metal, a fibra, o couro, moldando objetos que, vivificados pelo sopro da arte, encantam os olhos do mundo.

